

**ZILDA ARNS, UMA INTELLECTUAL MILITANTE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO POPULAR E A PASTORAL DA CRIANÇA**

**ZILDA ARNS, UNA INTELLECTUAL MILITANTE Y SU RELACIÓN CON LA EDUCACIÓN POPULAR Y LA PASTORAL DA CRIANÇA**

**ZILDA ARNS, A MILITANT INTELLECTUAL AND HER RELATIONSHIP WITH PASTORAL DA CRIANÇA AND POPULAR EDUCATION**



Adriana THOMÉ<sup>1</sup>  
e-mail: libiebrasil@gmail.com



Evelyn de Almeida ORLANDO<sup>2</sup>  
e-mail: evelynorlando@gmail.com



Peri MESQUIDA<sup>3</sup>  
e-mail: mesquida.peri@gmail.com

**Como referenciar este artigo:**

THOMÉ, A.; ORLANDO, E. de A.; MESQUIDA, P. Zilda Arns, uma intelectual militante e sua relação com a Educação Popular e a Pastoral da Criança. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024023, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.19072>



- | Submetido em: 15/07/2023
- | Revisões requeridas em: 11/09/2023
- | Aprovado em: 07/12/2023
- | Publicado em: 26/02/2023

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba – PR – Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação.

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – RJ - Brasil. Professora do Departamento de Ciências Sociais e Educação – EDU /UERJ.

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba – PR – Brasil. Professor Titular e Orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutorado em Ciências da Educação (UNIGENÈVE) – Suíça.

**RESUMO:** O artigo objetiva apresentar a médica Zilda Arns como mulher intelectual e sua relação com a Pastoral da Criança e a Educação Popular. Para tal compilação, será apresentada a trajetória de vida de Zilda Arns articulada ao contexto histórico da Pastoral da Criança e da Educação Popular. A pergunta norteadora da pesquisa é: Qual a relação da intelectual Zilda Arns com a Pastoral da Criança e a Educação Popular? O aporte teórico está centrado em Paulo Freire (1967; 1970; 1982; 1989; 2005; 2007), Zilda Arns (1996; 2003; 2000; 2010), Brandão (1984; 2005), Orlando (2021), Sapiro (2012) e Batalha (2003). O método utilizado para o desenvolvimento do estudo foi a hermenêutica fenomenológica, com abordagem qualitativa. Os resultados apontaram que Zilda Arns foi uma intelectual militante, que aproximou sua visão de mundo ao pensamento de Paulo Freire, teórico prático da Educação Popular, e assim implementou a Pastoral da Criança, por meio do diálogo e conscientização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Zilda Arns. Pastoral da Criança. Educação Popular. Paulo Freire.

**RESUMEN:** *El artículo tiene como objetivo presentar a la doctora Zilda Arns como mujer intelectual y su relación con la Pastoral da Criança y la Educación Popular. Para ello, se presentará la trayectoria de vida de Zilda Arns, articulado al contexto histórico de la Pastoral da Criança y de la Educación Popular. La pregunta guía de la investigación es: ¿Cuál es la relación de la intelectual Zilda Arns con la Pastoral da Criança y la Educación Popular? La contribución teórica se centra en Paulo Freire (1967; 1970; 1982; 1989; 2005; 2007), Zilda Arns (1996; 2003; 2000; 2010), Brandão (1984; 2005), Orlando (2021), Sapiro (2012), Batalha (2003 y Codini (2014). El método utilizado para el desarrollo de la investigación fue la hermenéutica fenomenológica, con un enfoque cualitativo. Los resultados mostraron que Zilda Arns fue una intelectual militante, que acercó su cosmovisión al pensamiento de Paulo Freire, teórico práctico de la Educación Popular, y así implementó la Pastoral da Criança a través del diálogo y la concienciantización.*

**PALABRAS CLAVE:** Zilda Arns. Pastoral da Criança. Educación Popular. Paulo Freire.

**ABSTRACT:** *The paper aims to present the doctor Zilda Arns as an intellectual woman and her relationship with the Pastoral da Criança and Popular Education. Therefore, the life trajectory of Zilda Arns will be presented, articulated to the historical context of the Pastoral da Criança and Popular Education. The guiding question of the research is: What is the relationship of the intellectual Zilda Arns with the Pastoral da Criança and Popular Education? The theoretical contribution is centered on Paulo Freire (1967; 1970; 1982; 1989; 2005; 2007), Zilda Arns (1996; 2003; 2000; 2010), Brandão (1984; 2005), Orlando (2021), Sapiro (2012), Batalha (2003), and Codini (2014). The method used for the development of the research was phenomenological hermeneutics, with a qualitative approach. The results showed that Zilda Arns was a militant intellectual, who brought her worldview closer to the thinking of Paulo Freire, practical theorist of Popular Education, and thus implemented the Pastoral da Criança, through dialogue and conscientization.*

**KEYWORDS:** Zilda Arns. Pastoral da Criança. Popular Education. Paulo Freire.

## Introdução

Zilda Arns Neumann (1934-2010), foi uma mulher que marcou a história de sua geração por meio de seu trabalho, determinação, intelectualidade e amor ao próximo. Cristã progressista, médica, fundou e coordenou a Pastoral da Criança, que salvou milhares de vidas da desnutrição infantil no Brasil e em outros países da América Latina, África, Ásia e Caribe.

Zilda Arns arregaçou as mangas e, inspirada na pedagogia de Paulo Freire, encontrou, primeiro, os recursos humanos capazes de mobilizar milhares de pessoas em prol da drástica redução da mortalidade infantil: mães e pais das crianças de zero a seis anos de idade, atendidas pela Pastoral, transformados em agentes multiplicadores (Betto, 2010, p. 1).

Para a médica sanitária e pediatra Zilda Arns, a educação é transformadora, resposta aos gritos dos necessitados, expressão da solidariedade com todos, especialmente dos marginalizados e esquecidos. Isto deixou transparecer em todas as suas cartas escritas aos jornais da Pastoral da Criança e em todas as ações da Pastoral (Arns, 2010, p. 105-106). “[...] eu, no exercício da medicina, fiz muito mais pela educação para prevenção de enfermidades do que curas e reabilitações” (Neumann, 2003, p. 40).

A Pastoral da Criança é um Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o qual faz parte da Igreja Católica. Para a sociedade, um órgão de terceiro setor<sup>4</sup> que tem como um dos objetivos fundamentais a democratização do conhecimento por meio de ações básicas de saúde, nutrição, educação, cidadania e espiritualidade de forma ecumênica. Destaca-se a importância da educação dentro desse processo. Essa é tratada de uma forma especial no Concílio do Vaticano II (1963-1965). Para este, a educação deve orientar para a solidariedade e com o intuito de melhor preparar as pessoas para a atuação na vida econômica, política e social de forma mais humana.

No entanto, não se pode tratar da Pastoral da Criança sem abordar a Educação Popular que teve o educador Paulo Freire como um dos mais importantes difusores mundiais desse segmento. Para o educador, as Igrejas na América Latina têm um papel educativo. “As Igrejas, de fato, não existem, como entidades abstratas, elas são constituídas por mulheres e homens ‘situados’, condicionados por uma realidade concreta, econômica, política, social e cultural” (Freire, 2007, p. 123).

<sup>4</sup> Terceiro Setor é o nome que se adotou para designar as instituições que não fazem parte do Estado e nem do mercado. Por não pertencerem ao setor público e nem ao setor privado, estariam num terceiro setor, que corresponde ao campo da sociedade civil organizada (Paraná, 2023).

A Educação Popular antecede à Pastoral da Criança e foi desenvolvida num contexto de efervescência cultural e política. Nasceu da proposta de Freire de uma educação que liberta, luta em defesa da vida, não compactua com os opressores e com as injustiças sociais. Inserida num contexto histórico, luta para transformá-lo, tendo em vista a promoção da justiça, tornando-se um espaço de fraternidade, paz e dignidade para todos. Propicia uma educação na e para a liberdade, pela qual cada ser humano é capaz de se reconhecer como sujeito do conhecimento e da história sem discriminações, seja homem, mulher, rico ou pobre. Todos deverão assumir o compromisso com o oprimido, não somente com programas assistenciais e paliativos, mas se preocupar com que ele exerça sua cidadania em plenitude.

Assim, o presente artigo tem o objetivo de apresentar a médica Zilda Arns como mulher intelectual orgânica, no sentido gramsciano (Gramsci, 1975), e sua relação com a Pastoral da Criança e a Educação Popular. Para tanto, será apresentada a trajetória de vida de Zilda Arns articulada ao contexto histórico da Pastoral da Criança e da Educação Popular, bem como de sua relação com a Igreja, seus pressupostos filosóficos, suas tendências pedagógicas e os contextos sociopolítico e econômico do Brasil.

O método de pesquisa utilizado para desvelar a intelectual Zilda Arns foi a hermenêutica fenomenológica com abordagem qualitativa, que carrega em sua bagagem um olhar freiriano de mundo, de sujeito e de cidadão do/com o mundo. É importante ressaltar que não se trata de uma norma ou a única abordagem disponível, porém é uma forma de alcançar a essência sem perder de vista o fenômeno e todos os elementos associados a ele.

### **Zilda Arns: Trajetória de vida**

Zilda Arns Neumann nasceu no município de Forquilha, estado de Santa Catarina, no dia 25 de agosto de 1934. Era filha de Gabriel Arns e Helene Steiner, agricultores descendentes de imigrantes provenientes da Alemanha, que tiveram 16 filhos. Destes, Zilda era a décima terceira. Em sua infância e juventude,

[...] mal sabia que existia governo, que a escola, a biblioteca pública, a igreja e as casas do padre e das freiras foram construídas pela comunidade e que havia uma atividade comunitária muito intensa. Tínhamos uma vivência familiar fortíssima. Todas as noites nos reuníamos para rezar e cantar a três, quatro vozes (Entrevista..., 1998).

Com a convicção de que seu propósito era dedicar-se à saúde, ela optou por estudar Medicina, mesmo indo contra a vontade de seu pai, Gabriel Arns, que teve pouca educação formal, mas ainda assim a apoiou apesar de não considerar a carreira de médica adequada às mulheres. Zilda realizou seus estudos fundamentais (1.º ao 4.º ano) em Forquilha - SC, o ginásio e o secundário cursou em Curitiba, no colégio da rede do Sagrado Coração. Em 1953, aos 19 anos, passou no vestibular e começou a estudar medicina na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde um professor a reprovou no primeiro ano, mesmo ela sendo uma das primeiras da classe, por achar um absurdo uma mulher cursar medicina - eram seis mulheres e 143 homens na sala -, mas para surpresa dele, Zilda se tornou justamente médica pediatra como ele. Soube conquistar seu espaço num ambiente majoritariamente dominado por homens. As mulheres de sua geração “cientes do seu lugar social, tiveram que criar regras próprias para se inserirem nos jogos de poder” (Orlando, 2021, p. 51).

Zilda, desde estudante, se envolvia com as causas sociais. No primeiro ano da faculdade, começou a cuidar de crianças menores de um ano como voluntária, trabalho que a deixou impressionada com a grande quantidade de crianças internadas com doenças de fácil prevenção, como diarreia e desidratação.

Desde muito jovem, Zilda Arns adotou o princípio católico de servir ao próximo como lema de vida. Embora tenha considerado seguir a carreira religiosa, assim como três de suas irmãs e dois irmãos, incluindo o ex-arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, Zilda optou por uma trajetória em que poderia se dedicar às comunidades carentes, tanto no Brasil quanto no exterior, como médica sanitária, sem as responsabilidades familiares.

Em 1959 formou-se em medicina pela UFPR e conheceu o marceneiro e professor Aloísio Bruno Neumann, com quem se casou em 26 de dezembro daquele mesmo ano e teve seis filhos – Nelson (Médico), Heloísa (Psicóloga), Silvia (Administradora de Empresas), falecida em 2003 num acidente automobilístico, Marcelo, falecido logo após o nascimento, Rubens (Médico Veterinário) e Rogério (Administrador de Empresas). Contando com o apoio incondicional do marido para estudar e trabalhar, numa época em que casamento era sinônimo de viver exclusivamente para a família, aprofundou seus estudos em Pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria, visando salvar crianças pobres da mortalidade infantil, da desnutrição e da violência em seu contexto familiar e comunitário; em Saúde Pública e Sanitarismo pela Universidade de São Paulo (USP); em Pediatria Social pela Universidade de Antioquia, em Medellín, Colômbia; em Administração de Programas de Saúde Materno-Infantil pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS). Enfim, pode-se dizer, segundo o conceito

de Gisèle Sapiro (2012), que Zilda Arns era uma mulher intelectual com um capital simbólico individual significativo para a sociedade brasileira.

Com o apoio do marido, Zilda Arns esteve à frente de diversos programas de atenção à saúde de crianças, em hospitais e na Secretaria de Saúde do Estado do Paraná (SESA). Começou exercer a profissão como médica pediatra no Hospital de Crianças César Pernetta, em Curitiba, e, mais tarde, assumiu a Diretoria de Saúde Materno-Infantil da SESA. Em 1980, o Brasil estava começando a se abrir para a democracia, sua experiência bem-sucedida na Secretaria de Saúde fez com que fosse convidada pelo Governo do Estado do Paraná a coordenar a campanha de vacinação Sabin, para combater a primeira epidemia de poliomielite, que começou no Município de União da Vitória, criando um método próprio, depois adotado pelo Ministério da Saúde. No mesmo ano, foi também convidada a retornar como diretora do Departamento Materno-Infantil da SESA, quando então instituiu com extraordinário sucesso os programas de planejamento familiar, prevenção do câncer ginecológico, saúde escolar e aleitamento materno.

No entanto, Zilda Arns frequentemente se afligia pelo fato de sua dedicação ao trabalho impedi-la, em diversas ocasiões, de estar perto da família. Grávida do seu quinto filho, deixou os outros quatro aos cuidados do pai, Aloysio, para fazer um curso de três meses na Colômbia, em 1973. Algum tempo depois, seguiu com os estudos em saúde pública, que a levavam a passar apenas os fins de semana em casa, enquanto ficava, de segunda a sexta-feira, na cidade de São Paulo. Todavia, ocorreu uma fatalidade e seu companheiro e apoiador veio a falecer em 18 de fevereiro de 1978, de enfarte fulminante, aos 46 anos, após resgatar uma de suas filhas de um afogamento, na praia de Betaras, na costa do Paraná. Entretanto, mesmo viúva com cinco filhos, o mais novo de quatro anos e o mais velho de quatorze, Zilda segue desprendida em seu trabalho de salvar vidas.

Em 1983, após aproximadamente 25 anos de atuação na medicina, Zilda Arns atendeu ao pedido da CNBB e fundou a Pastoral da Criança em parceria com Dom Geraldo Majella Agnello, Cardeal Arcebispo Primaz de Salvador, Bahia, que na época era Arcebispo de Londrina. Foi nesta ocasião que ocorreu o desenvolvimento de uma metodologia comunitária com objetivo de ampliar conhecimento e solidariedade entre famílias em situação de vulnerabilidade, tendo como referência o prodígio da multiplicação dos peixes e dos cinco pães que alimentaram cinco mil pessoas, conforme narrado no Evangelho de São João (João 6, 1-15). A educação das mães por meio de líderes comunitários capacitados mostrou ser a melhor forma de combater a maioria das doenças facilmente preveníveis e a marginalização das crianças.

A médica sanitária e pediatra, mobilizou milhões de voluntários em todo o Brasil e quando questionada sobre o que gerava o êxito no trabalho da Pastoral da Criança disse:

O maior segredo é trabalhar com amor naquilo em que se acredita, sabendo onde se quer chegar e como trabalhar. Nossos líderes comunitários [...] são pessoas simples de coração imenso, verdadeiros doutores em cidadania que aprendem as lições básicas de saúde, nutrição e educação e assumem o compromisso de multiplicar o saber, de acompanhar e orientar as famílias vizinhas. São elas que fazem a transformação social, e, certamente, são as pedras angulares para a melhoria das condições sociais do país (Neumann, 2003, p. 130).

Zilda acreditava na transformação social que se dá por meio do ser humano, e afirmava que o fato mais relevante nessa compreensão, é entender que “a solução dos problemas não está reduzida à questão econômica, mas relacionada fortemente com a recuperação do tecido social” (Neumann, 2003, p. 131).

Em 2004, Zilda Arns foi incumbida pela CNBB de uma nova missão, que consistia em estabelecer e liderar a Pastoral da Pessoa Idosa. No momento presente, mais de cem mil idosos são monitorados mensalmente por doze mil voluntários de 579 cidades de 141 dioceses de 25 estados do Brasil. Zilda Arns dedicava seu tempo para cumprir múltiplos compromissos, incluindo sua função como coordenadora nacional da Pastoral da Pessoa Idosa e coordenadora internacional da Pastoral da Criança. Além disso, ela também atuava como representante titular da CNBB no Conselho Nacional de Saúde e como membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES). Em 2006, Zilda Arns recebeu a indicação ao Prêmio Nobel da Paz pelo significativo trabalho realizado na Pastoral da Criança. Ressalta-se que a médica, além de seu excelente trabalho na área da saúde, sabia transitar no meio político, exigindo os direitos dos mais desfavorecidos. “Presidentes, ministros, senadores e deputados sabiam que a irmã do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns não batia às portas do poder em Brasília com um pires na mão, pedindo favores. Exigia direitos” (Rodrigues, 2018, p. 9).

A partir de Antonio Gramsci (1975), entende-se que Zilda Arns pode ser considerada uma intelectual orgânica. Além disso, tomando por base os modos de intervenção propostos pela socióloga Gisèle Sapiro (2012), identifica-se que as práticas desenvolvidas por Zilda abrangem ações de uma intelectual de instituição<sup>5</sup> e também de especialista<sup>6</sup> na posição de

<sup>5</sup> Os intelectuais de instituição (sobretudo religiosa) ou de partido têm como tarefa principal ilustrar e defender a doutrina e/ou a linha ideológica da instância à qual escolheram aderir (...). Eles precisam ajustar-se constantemente às obrigações específicas que lhes são impostas e que subordinam os valores intelectuais à disciplina militante (Sapiro, 2012, p. 39).

<sup>6</sup> É aquele que informa as decisões dos poderes públicos e fornece fundamentos “científicos” das políticas públicas (Sapiro, 2012, p. 43).

Coordenadora da Pastoral da Criança e do Idoso representando a CNBB, e conseqüentemente, a Igreja Católica nos diversos segmentos sociais, bem como de uma intelectual crítica<sup>7</sup> que escrevia para jornais e revistas, ancorada em um saber especializado e no seu papel profético da sociedade, com a finalidade de conscientizar as pessoas sobre o problema da mortalidade infantil, enfrentando os profissionais da área da saúde e clérigos conservadores.

Zilda também sacudiu dogmas, procedimentos consagrados e o culto à complexidade de poderosos setores da pediatria brasileira: adotou, nas frentes de trabalho da Pastoral, soluções simples, baratas e, acima de tudo, rápidas como o soro caseiro, no tratamento de prevenção da diarreia e de outras doenças que enchiam os cemitérios brasileiros de cruces brancas e pequenos caixões. [...]enfrentou a oposição de cardeais conservadores ao olhar científico e realista que encarou a questão dos métodos contraceptivos. De outro, não hesitou em colecionar críticas de feministas e intelectuais de parte da comunidade científica por sua luta vigorosa contra o aborto (Rodrigues, 2018, p. 12).

No dia 12 de janeiro de 2010, estava em missão humanitária em Porto Príncipe, no Haiti, para introduzir o trabalho da Pastoral da Criança no país. Contudo, quando terminou a palestra no prédio paroquial da Igreja Sacré Coeur, onde discursava sobre a importância de cuidar das crianças como um bem sagrado, promovendo o respeito a seus direitos e protegendo-as, o prédio desabou com um terremoto e Zilda Arns veio a morrer. O corpo dela foi levado para o Município de Curitiba/PR, transportado em carro aberto, onde foi aplaudida por uma multidão que se despedia da médica missionária que havia fundado a Pastoral da Criança, diminuído a mortalidade infantil drasticamente, educado homens, mulheres e crianças das classes populares e marcado sua geração.

---

<sup>7</sup> Produtor de representações coletivas e de uma interpretação do mundo, geralmente portadora de uma mensagem ético-política, o intelectual crítico funda a legitimidade de suas tomadas de posição sobre seu capital simbólico, isto é, sobre sua autoridade carismática junto a um público, capital frequentemente ligado antes a seu nome próprio do que a seus títulos e, portanto, associado a sua pessoa (Sapiro, 2012, p. 27).

## Pastoral da Criança: breve contexto histórico

A história da Pastoral da Criança começa na Suíça, com a preocupante informação sobre a taxa de mortalidade infantil do Brasil, corriqueira no cotidiano nacional, mas impactante no primeiro mundo. Em 1982, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu, em Genebra, uma reunião sobre a paz e durante um dos intervalos, o diretor-executivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), James Grant, conversou com Dom Paulo Evaristo Arns, representante da Igreja Católica brasileira no encontro, sobre a necessidade de tomar providências para salvar as crianças brasileiras, e a Igreja poderia ajudar a diminuir a mortalidade infantil (Arns, 2010). Assim, sugeriu que fosse iniciado um projeto-piloto com o apoio da UNICEF no Brasil. Dom Paulo Evaristo Arns pensou em sua irmã, Dra. Zilda Arns Neumann.

Os direitos sociais no Brasil, na década de 1980, praticamente inexistiam. As áreas mais afetadas eram a educação, saúde e segurança. O cenário político do Brasil caminhava para a democracia, visto que o governo militar, instaurado em 1964, já não mais se sustentava pela corrupção, pelos inúmeros problemas sociais e diversos atos contra a falta de liberdade, não só nos grandes centros urbanos que se formavam rapidamente, mas também no campo. A dívida externa faz aumentar a dependência em relação aos países mais ricos. A crise do petróleo e a diminuição da capacidade financeira fizeram os investimentos em educação e saúde praticamente inexistirem por parte do Estado. Surgiram os bolsões de pobreza no campo e os grandes centros urbanos se incharam pelo êxodo rural provocado pela industrialização. O país amargava expressivos índices de desnutrição e mortalidade infantil (segundo o UNICEF, acima de 80 óbitos no primeiro ano de vida para cada mil nascidos vivos), grande parte por doenças preveníveis.

Na medicina, alguns conceitos médicos começaram a mudar no país naquela década. A medicina curativa, amplamente utilizada, cedia lugar à medicina preventiva. Sabia-se que a maior parte das doenças dos países em desenvolvimento poderiam ser facilmente evitadas. Os estudos mostravam que não era a diarreia que matava e sim a desidratação causada por ela. Zilda Arns, estudiosa, estava atenta às mudanças da medicina e conhecia os problemas dos países pobres. Como pediatra, atendia centenas de crianças que chegavam a seu consultório, doentes por falta de informação por parte das mães principalmente. Assim, ao ouvir a proposta de seu irmão, pensou que o caminho para diminuir a mortalidade infantil era ensinar às mães a cuidarem de forma correta de seus filhos (Pastoral da Criança, 2010).

Então, em 1983, Zilda Arns iniciou um projeto-piloto apoiada pela UNICEF e pela CNBB, o qual deu origem à Pastoral da Criança. Para tal feito, a doutora contou com sua experiência profissional e de vida, especialmente de sua infância – por haver morado no interior do município de Forquilha, em Santa Catarina, até os 11 anos. Neste lugar, não havia médicos, luz elétrica ou posto de saúde; seus pais, filhos de alemães, recebiam muitos livros da Europa e alguns destes eram de medicina caseira. Liam muito e ouviam sempre o rádio. Então quando as pessoas da comunidade ficavam doentes iam até a casa de seus pais para buscar ajuda e cura com a medicina caseira.

De posse dessas informações, a médica sanitária e pediatra Zilda Arns defendia que era preciso levar conhecimento à população, para que se trabalhasse com a prevenção e várias doenças fossem evitadas, fato que poderia salvar muitas crianças da morte. Para isso, o conhecimento deveria ser passado em linguagem acessível às pessoas. Dessa forma, ela criou uma metodologia comunitária para difundir o conhecimento e a solidariedade entre as famílias em situação de pobreza. A instrução das mães por líderes comunitários qualificados mostrou-se a maneira mais eficaz de combater a maioria das enfermidades preveníveis e a exclusão social das crianças. Assim, os líderes comunitários voluntários conscientizavam sobre cuidados básicos e prevenção de doenças infantis, por meio de informações, aos responsáveis das crianças até seis anos, e grávidas.

Assim, surgiu a Pastoral da Criança como uma iniciativa para combater as altas taxas de mortalidade infantil no Brasil. Essa experiência de parceria entre o governo e organizações não governamentais teve início com um projeto-piloto no município de Florestópolis, Estado do Paraná, onde foram implantados projetos de aleitamento e reidratação de recém-nascidos, ações que reduziram drasticamente a mortalidade infantil, que era muito alta na cidade. No município, 73% da população trabalhava em função do corte de cana-de-açúcar para a usina de álcool e açúcar e no plantio de algodão e café e possuía alta índice de mortalidade. Por isso, foi o local escolhido para dar início ao projeto.

Zilda Arns acreditava que, para o desenvolvimento do trabalho, a educação popular era o caminho para formar a liderança comunitária e assim conscientizar as pessoas sobre a prevenção de doenças que estavam matando seus filhos. Com a consciência da importância da educação popular para alcançar esse objetivo, desenvolveu um material especial, com aproximações do método desenvolvido por Paulo Freire, com linguagem fácil, para todos entenderem. Um ano depois do início do trabalho em Florestópolis, a taxa de mortalidade reduziu de 127 óbitos por mil nascidos vivos para 28 óbitos (Batalha, 2003, p. 41). Ressalta-se

a relevância do voluntariado no desenvolvimento do trabalho na Pastoral da Criança e o compromisso de todos no bem-estar das crianças. Segundo a médica pediátrica,

Ser voluntário é um meio de realizar uma missão, reavivar os valores humanitários e agir em comunhão com as pessoas. A responsabilidade pelo bem-estar das crianças, famílias, comunidade e pelo desenvolvimento do nosso país é de todos. Precisamos agir de forma articulada e intersetorial para superar os problemas e dificuldades para que todos os brasileiros possam ter vida plena (Neumann, 2010).

Dessa forma, expande o trabalho por todo o território nacional. Para multiplicar o saber e a solidariedade no projeto, foram criados três instrumentos: visita domiciliar às famílias; dia do Peso, também chamado de Dia da Celebração da Vida; e reunião Mensal para Avaliação e Reflexão, todos contemplados no Guia do Líder da Pastoral<sup>8</sup>. Ainda segundo Zilda Arns, o trabalho atuava nas classes econômica, política, social e religiosa.

[...] no plano econômico, o trabalho da Pastoral da Criança possibilita aos governos fazer muito mais com os mesmos recursos; no plano político, estimula a participação social no controle do uso dos recursos públicos; no plano social, ajuda as pessoas a se promoverem, a tornarem-se sujeitos de sua própria história e no plano religioso, possibilita a união da fé com a vida (Neumann, 2000, p. 93-94).

Destaca-se, também, na formação da Pastoral da Criança, a atuação do Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, pela intensa defesa dos direitos humanos. Graças ao seu trabalho com a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, muitos exilados puderam retornar ao Brasil, caracterizando, assim, o compromisso de defesa da vida daqueles que lutavam pela volta da democracia no País. O educador Paulo Freire foi um dos exilados que, ao retornarem ao Brasil, contou com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns.

Após duas décadas de atuação, a Pastoral da Criança acompanhou um total de 1.816.261 crianças menores de seis anos e 1.407.743 famílias carentes em 4.060 municípios brasileiros. Durante esse período, os voluntários da Pastoral levaram solidariedade e conhecimentos sobre saúde, nutrição, educação, cidadania e espiritualidade para as comunidades mais desfavorecidas, criando condições para que elas se tornassem protagonistas de suas próprias

<sup>8</sup> Guia do Líder é um livro de 255 páginas, usado pelos voluntários da Pastoral da Criança, com letras grandes e fotografias, que foi elaborado com a participação de todos os seus coordenadores diocesanos e apoio de técnicos entidades parceiras, como o Ministério da Saúde, o Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Secretários Estaduais e Municipais de Saúde, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia e a Organização Pan-Americana de Saúde. Neste livro, o voluntário conhece as etapas de desenvolvimento da criança para usá-las como parâmetros em sua comunidade. Essas etapas são as mesmas, independente da cultura (Batalha, 2003, p. 110-115).

vidas. Dois aspectos são particularmente enfatizados na abordagem da Pastoral da Criança: a democratização do conhecimento e a formação integral das famílias, buscando desenvolver o potencial humano em todos os aspectos.

[...] já no início da Pastoral da Criança, tínhamos presente que o trabalho de prevenir doenças e a marginalidade junto às famílias dependia muito da democratização do saber, da formação humana para a prática e exercício da cidadania, da corresponsabilidade social e da sociedade, até do poder constituído (Neumann, 1996, p. 113).

Nessa declaração, podemos observar o desejo de compartilhar conhecimento e a importância atribuída à educação das famílias como um fator fundamental para alcançar os objetivos propostos. Havia uma preocupação em como os líderes da Pastoral da Criança, muitos dos quais eram analfabetos, poderiam ser motivados a se sentirem capacitados para mudar a realidade em suas comunidades, onde a vida era negada devido a condições indignas. Fica, então, evidente a valorização da educação como um elemento transformador da realidade, conforme relatado por Zilda Arns: “Tinha certeza de que reduziria a mortalidade infantil, a desnutrição e a violência familiar com a educação das mães e das famílias” (Neumann, 2003, p. 66).

O trabalho da Pastoral da Criança, além do apoio da UNICEF, passou a ter o Ministério da Saúde como principal financiador, com cerca de 70% das verbas<sup>9</sup>, e estendeu-se por mais de vinte países da América Latina, Ásia, África, Caribe e foi fundamental para reduzir a mortalidade infantil. Atualmente, a “Pastoral da criança do Brasil é apontada como uma das mais importantes organizações comunitárias, em todo o mundo” (Neumann, 2003, p. 120). E a educação popular, apoiada pela Igreja Católica, amplamente trabalhada por Paulo Freire, e apoiada pelo Ministério da Educação, principalmente no trabalho de alfabetização de Jovens e Adultos da Pastoral, foi um pilar importante para o desenvolvimento das ações que reduziram a mortalidade infantil no Brasil e nos países em desenvolvimento em que a Pastoral esteve presente.

---

9 A Pastoral da Criança também teve apoio da Rede Globo de Televisão, por intermédio do programa Criança Esperança, o qual é o maior parceiro não-governamental. E a Igreja é responsável pelo apoio logístico e pela mobilização das redes de voluntários (Neumann, 2003, p. 119).

## Educação Popular

Na conjuntura brasileira, muitos estudiosos se interessaram pelo tema de Educação Popular e sua definição. Segundo Fernando de Azevedo, o embrião da Educação Popular no Brasil se deu com o trabalho pedagógico dos primeiros missionários Jesuítas, os quais ensinavam a mestiços, brancos e indígenas.

Atraindo os meninos índios às suas casas ou indo-lhes ao encontro nas aldeias; associando numa mesma comunidade escolar, filhos de nativos e de reinóis – brancos, índios e mestiços – e procurando na educação dos filhos conquistar e reeducar os pais, os jesuítas não estavam servindo apenas à obra da catequese, mas lançavam as bases da Educação Popular (Azevedo *apud* Brandão, 1984, p. 28).

Mas foi a partir do final da década de 1950 e início da década de 1960, com a Lei Federal n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, que as práticas educativas nos meios populares tiveram um amplo impulso devido ao contexto sociopolítico e econômico da época. No decorrer desse período, novas pedagogias nacionais foram estabelecidas por meio de reformas educativas, cujo objetivo era instituir mão de obra aperfeiçoada, maior integração da população na economia e garantia da hegemonia capitalista, sem necessariamente explicitar uma preocupação com a transformação das estruturas sociais.

Nesse contexto, as atividades de promoção humana distinguiam-se pelo investimento nas reformas educativas, as quais estavam vinculadas às primeiras agências de Educação de Adultos (ligadas à ONU e à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), fato que refletiu mais tarde no apoio ao trabalho em prol da luta pela diminuição da mortalidade infantil, realizado pela Pastoral da Criança e coordenado pela Dra. Zilda Arns.

O educador Paulo Freire<sup>10</sup>, nessa época, tornou-se uma das principais referências no século XX para se compreender a Educação Popular. Sua compreensão era de que “a educação popular é entendida como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares” (Freire; Nogueira, 2005, p. 19). Suas contribuições destacaram-se, primeiro, no

---

<sup>10</sup> As fontes filosóficas que Paulo Freire teve como base foram o pensamento de Tristão de Atayde, o personalismo de Emanuel Mounier, o pensamento de Jacques Maritain, o existencialismo de Kierkegaard, o neomarxismo de Eric Fromm, a educação como política de Gramsci, entre outras. Estas são algumas das fontes que Freire usou para nutrir a base antropológica e sociopolítica de seu raciocínio. Ressalta-se o fato de que Paulo Freire foi católico, com uma visão ecumênica da religião. O seu cristianismo se fundamenta numa teologia libertadora, a qual pode ser observada no livro “Pedagogia do Oprimido” (1970), em que traça uma abordagem dialética da realidade, cujos determinantes se acham nos fatores econômicos, políticos e sociais.

Brasil, depois, no Chile, quando estava exilado, após o golpe que instalou a ditadura militar de 1964, e em seguida, o método, a teoria e a prática educativa freireana, se difunde em toda a América Latina. Atualmente, sua proposta influencia a educação em todos os Continentes.

A proposta da Educação Popular, em Freire, era de não exercitar um ensino passivo, uma educação bancária, mas estimulava a aprendizagem a partir da averiguação do educando dentro de sua realidade. Ou seja, o educador jamais expõe o conteúdo finalizado, mas instiga o educando a construir seu conhecimento, a buscar sua autonomia, a desenvolver sua criticidade, sua reflexão dentro de seu contexto, de sua própria realidade. É uma abordagem de trabalho pedagógico voltada a conscientizar o povo e se tornar um instrumento de transformação, como afirmado por Freire (1967).

O primeiro ensaio de educação com as classes populares, a que se deu o nome de Educação de Base, Educação Libertadora, e mais tarde Educação Popular, originou-se no interior de movimentos da sociedade civil. Ou seja, o ambiente estratégico que funda a Educação Popular é o dos movimentos e centros de cultura popular, movimentos de educação de base (MEB)<sup>11</sup>, comunidades eclesiais de base (CEBs)<sup>12</sup>, Movimento de Cultura Popular (MCP), no Recife, e ação popular.

Para se entender de maneira mais proficiente essa proposta de educação de cunho libertador, é importante trazer à luz a experiência que marcou a Educação Popular no Brasil, o episódio da “Revolução de Angicos”<sup>13</sup>, liderada por Paulo Freire, que aconteceu no interior do estado do Rio Grande do Norte, onde se deu uma experiência desbravadora e ousada no começo dos anos de 1960, antes da ditadura militar. A nova didática promovida nos Círculos de Cultura evidenciou que em 40 horas um grupo de pessoas pobres, oprimidas e esquecidas pela sociedade no interior do Nordeste, puderam ser alfabetizados por meio de “temas geradores”, ou seja, por textos que faziam parte do contexto de vida do respectivo grupo, por palavras em vez de letras (Lyra, 1996). Para Paulo Freire: “A leitura do mundo precede sempre a da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (Freire, 1989, p. 22).

---

<sup>11</sup> Em 21 de março de 1961 surge, oficialmente, o MEB, por Decreto nº 50.370/61, do Presidente Jânio Quadros, para as áreas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País, com duração de 5 anos. Movimento criado pela CNBB para promover uma educação de base por meio de um convênio entre a Igreja e a Presidência da República, assinado pelo Secretário-Geral, Dom Helder Câmara. Especificamente, foi convênio com o Ministério da Educação e Cultura (Wanderley, 1984; Fávero, 2006).

<sup>12</sup> Entre as décadas de 1960 a 1980, as CEBs tiveram um papel importante, pois eram espaços para organização popular. Durante o golpe militar em 1964, foram brutalmente atacadas. Nesse sentido, as CEBs adotaram função relevante nas lutas do povo brasileiro e no processo de redemocratização da sociedade brasileira (Betto, 1981).

<sup>13</sup> Angicos tornou-se uma palavra emblemática para todos aqueles que se interessam pela Educação Popular. A cidadezinha localizada no sertão do Rio Grande do Norte foi o palco em que, pela primeira vez, Paulo Freire, em princípios de 1963, pôs em prática o seu famoso método de alfabetização de adultos (Germano, 1997, p. 389).

No que diz respeito às tendências pedagógicas, a Educação Popular teve seus alicerces na corrente pedagógica libertadora, a qual ultrapassa as fronteiras da pedagogia, colocando-se também no campo da economia, da política e das ciências sociais. A educação emancipatória parte do princípio do pensamento popular, do povo. O currículo é construído com base na realidade concreta, atual e existencial. A situação apresentada - frequentemente desfavorável - deverá ser analisada criticamente e considerada como um desafio com questões a serem superadas por meio da reflexão e ação (práxis). Os temas geradores são reflexões baseadas no pensamento do povo, que não ocorrem em um vácuo, mas sim nas pessoas, nas relações entre elas e nelas, e nas relações delas com o mundo. A exploração das temáticas relevantes é realizada por meio do diálogo e é objeto de reflexão coletiva, em um processo de investigação cada vez mais aprofundado, buscando uma compreensão abrangente - econômica, política, social. Por esse olhar, Freire diz:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis com sua transformação; o segundo em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 1970, p. 27).

Quando se deu a implantação da ditadura militar, em abril de 1964, o Brasil contava com mais de 20 mil Círculos de Cultura, os quais duraram aproximadamente duas décadas. Nesse mesmo contexto, a Juventude Universitária Católica foi fragilizada e o Movimento de Educação de Base foi desconfigurado num processo contínuo. Mas a tese de uma educação como ferramenta de prática revolucionária e de transformação, de instituir a prioridade de justiça, igualdade e solidariedade, persistiu entre todos os que participavam e lutavam por esse trabalho – especialmente os cristãos.

Em algumas comunidades de nossos sertões, de nossas cidades esparramadas entre o trabalho e o medo, começava a surgir aquilo que, logo depois, viemos a chamar de “outra forma de ser Igreja” [...] valia para católicos e também para evangélicos, irmanados agora em um mesmo projeto humano de construção do futuro. [...] um lugar de agente consciente e condutor de uma nova história, animava, como um “novo sopro do Espírito”, a todos aqueles que começaram a criar entre nós ao mesmo tempo: os círculos bíblicos, as igrejas do evangelho, as comunidades eclesiais de base e a teologia da libertação [...]. Muitos deles haviam aprendido a balbuciar pela primeira vez estas palavras e a pensar em volta do fogo, o seu significado, junto ao que então, aqui e ali, já se chamava: Educação Popular (Brandão *apud* Preiswerk, 1997, p. 11-12).

Nesse período que afluía a Educação Popular no Brasil em meio à efervescência cultural e política que o país vivia, Zilda Arns, como intelectual orgânica e militante, desenvolvia seus projetos junto aos órgãos públicos e privados de saúde, visando ajudar os mais necessitados a se tornarem protagonistas de suas histórias e, conseqüentemente, salvarem a vida de seus filhos.

Zilda, muito comprometida com os valores cristãos, professava a fé católica e era muito próxima de seu irmão, ex-Arcebispo de São Paulo Dom Evaristo Arns – religioso que lutava e defendia o povo das injustiças e mazelas sociais – e de seus outros irmãos, que também decidiram seguir a vida religiosa. Assim, seu trabalho estava atrelado ao comprometimento de ajudar, principalmente, ao próximo desfavorecido. Mesmo com o Golpe Militar de 1964, continuou exercitando seu trabalho nos órgãos públicos de saúde, devido sua habilidade como intelectual orgânica que transcendia a medicina e perpassava às questões sociais e políticas. Segundo Rodrigues, a médica foi uma mulher

destemida e iluminada que soube conciliar, como poucos, ciência e fé, competência e coragem, para enfrentar o obscurantismo de alguns setores da Igreja, a incompetências de políticos e da emperrada máquina burocrática dos governos, assim como dos interesses dos poderosos da mercantilização da medicina (Rodrigues, 2018, contracapa).

## Educação Popular e a Igreja

A Igreja Católica da América Latina, especialmente após o Concílio do Vaticano II, que ocorreu em quatro sessões entre 1962 e 1965, se destacou por sua dedicação no campo da Educação Popular, empenhando-se em projetos de libertação dos oprimidos por meio de uma atuação educativa e profética. Esses fatores permitiram que a igreja agisse imersa na realidade concreta e contextualizada, com uma abordagem sócio-histórica e política.

Segundo Enrique Dussel (1999), muitos movimentos pastorais e sociopolíticos, principalmente juvenis, como as juventudes católicas camponesas, operárias, estudantis, universitária, movimento estudantil cristão protestante, dentre outros, estimularam e avigoraram os projetos de libertação dos oprimidos, os quais são entendidos à luz dos conceitos e definições sobre “Educação Libertadora” abordada neste artigo, que tinha como uma de suas principais ferramentas a Educação Popular.

Paulo Freire discute essa questão ao sugerir que as Igrejas da América Latina podem ser divididas em dois aspectos principais: modernizantes e tradicionais. As igrejas modernizantes

são aquelas que optaram por uma abordagem educativa libertadora. Por outro lado, as igrejas tradicionais são aquelas que ainda estão presas a uma metodologia que aliena as classes sociais. Essas igrejas ainda não compreenderam que a humanização está ligada à libertação e que a libertação implica na transformação integral do ser humano. De acordo com Matthias Preiswerk, “a Igreja foi ousada ao entregar na mão de um grupo de leigos, boa parte recém-saída da Ação Católica, a responsabilidade de realizar a alfabetização de adultos, por meio de uma educação conscientizadora” (Preiswerk, 1997, p.10).

Esses grupos constituídos por leigos construíram uma extensa “ação popular de base” demandando participação na vida da Igreja e na história sociopolítica do país, ou seja, transformando-se em sujeitos ativos e protagonistas diante da realidade concreta, que os conduzia a conhecerem, a sentirem toda situação de miséria do contexto socioeconômico e político em que as pessoas estavam subjugadas.

À vista disso, esse grupo de leigos se revoltou com aversão ético-religiosa, o que os motivou a enfrentar a injustiça social. Dessa forma, o Movimento de Educação de Base, entre outros, teve a participação e engajamento dos leigos, principalmente dos seguidores da fé cristã, como uma maneira de reivindicar um direito fundamental, o da liberdade e humanização do próximo. Para Rubem Alves (1999), os movimentos de base expressam o suspiro, as dores, as aspirações dos oprimidos que desejam libertação e transformação social.

No entanto, no auge dos movimentos de base, principalmente dos MEBs, em prol da conscientização e libertação do indivíduo, os apoiadores do contexto político de ditadura militar procuraram encerrar essas atividades, devido às características consideradas “subversivas” que elas possuíam. Todavia, os ativistas da educação que promoviam a “conscientização” persistiram em seu trabalho. Essa ação estava diretamente ligada ao processo de renovação do Concílio do Vaticano II, com o claro objetivo de adaptar a Igreja aos desafios da contemporaneidade, incluindo a industrialização e urbanização.

A Educação Popular, por sua vez, teve uma ampla repercussão na Igreja, e após uma adesão significativa por parte dos educadores cristãos e progressistas, grande parte desse apoio se fundamentou ao identificar-se as bases ideológicas partilhadas entre a Teologia da Libertação<sup>14</sup> e a Educação Popular, pois as duas se “encontram no mesmo terreno e às vezes

<sup>14</sup> A Teologia da Libertação é um movimento socioeclesial que surgiu dentro da Igreja Católica progressista, na esteira dos movimentos civis e de jovens no Brasil dos anos 1960, os quais, movidos por ideais de liberdade, passaram a criticar tudo o que se vincula às práticas autoritárias e centralizadoras da época. Concomitantemente, essa Teologia também influenciou os movimentos sociais ao ressaltar as classes populares como sujeitos de seu próprio destino. A fé cristã, em sua reinterpretação analítica e antropológica, é a sua inspiração básica, vivida e entendida como ação transformadora da realidade social. É uma teologia popular, das CEBs, e é capaz de repensar

com os mesmos atores” (Preiswerk, 1997, p. 24). A partir dessa concepção, segundo Gabriel Priolli, o educador Paulo Freire<sup>15</sup> se apresentava como um cristão revolucionário e declarava que foi como “camarada de Cristo que se aproximou dos favelados, desde os tempos de educador iniciante” (Priolli *apud* Brandão, 2005, p. 41). O educador compreendia que a identidade de "ser cristão" estava relacionada a "ser revolucionário":

Ser cristão não significa necessariamente ser reacionário, como ser revolucionário não implica ser 'demoníaco'. Ser revolucionário significa estar contra a opressão, contra a exploração, em favor da libertação das classes oprimidas, em termos concretos e não em termos idealistas (Freire, 1982, p. 113).

A partir do viés da práxis da Educação Libertadora, chama-se a atenção para as características que podem ser geradas na identidade de cada cristão comprometido com a Educação Popular.

Cristãos comprometidos com a Educação Popular refletirão sobre sua identidade e darão conta dela aos outros atores da experiência educativa [...]. Cristãos comprometidos com a Educação Popular explicitarão sua identidade a partir de sua própria prática educativa dentro do movimento popular e das instituições eclesiais com as quais estão vinculados [...]. Cristãos comprometidos com a Educação Popular integrarão ou, se for o caso, constituirão comunidades eclesiais, nas quais todos os atores que desejarem, poderão refletir sobre seu compromisso, confrontá-lo com a Palavra de Deus e celebrar sua fé (Preiswerk, 1997, p. 374-376).

Nesta perspectiva de cristã progressista, formada naquele contexto sociopolítico e econômico e comprometida com a conscientização e libertação de seu semelhante, Zilda Arns imergiu profundamente nas áreas de saúde pública, pediatria e sanitarismo, com o propósito de resguardar crianças em situação vulnerável da mortalidade infantil, desnutrição e violência em seus contextos familiar e comunitário. Consciente de que a educação se revelava como o meio mais efetivo para enfrentar a maioria das doenças de prevenção simples e a exclusão social das crianças, direcionou seus esforços aos hospitais e secretarias de saúde públicas nas décadas de 1960 e 1970 e paralelamente à sua família, sempre presente em sua vida. No início da década de 1980, com a reabertura para a democracia que estava acontecendo no país, estabeleceu as

---

a função social da Igreja. Um dos expoentes mais conhecidos da Teologia da Libertação, no Brasil, é o franciscano Leonardo Boff (Otto, 2021, p. 298-299).

<sup>15</sup> Paulo Freire pode ser considerado como um dos fundadores da Teologia da Libertação. O educador traz o oprimido como um ser capaz de criar cultura, além de ser sujeito histórico. Esse ser é capaz de transformar a sociedade, quando os seres humanos se conscientizam e se organizam. “A Teologia da Libertação ao fazer a opção pelos pobres contra a sua pobreza assume a visão de Paulo Freire” (Boff, 2008, p.18-19).

concepções e a práxis da Educação Popular em seu novo projeto para salvar vidas, que seria desenvolvido junto com a CNBB.

### **Pastoral da Criança x Educação Popular**

Em meio à efervescente reabertura para a democracia no país, surge o projeto da Pastoral da Criança com o apoio da CNBB e da UNICEF, coordenado por Zilda Arns. Neste, o encaminhamento metodológico das atividades tem o diálogo e a conscientização entre os participantes como principais pilares e o ensino contempla momentos de prática e teoria.

No método de Freire, as palavras-chave começam a emergir durante o processo de levantamento do vocabulário dos alunos. Na Pastoral da Criança, o processo é iniciado com as palavras do universo da própria Pastoral. Em Freire, o objetivo da alfabetização de adultos é promover a conscientização sobre os problemas sociais para o conhecimento da realidade social, aspecto também presente na agenda da Pastoral da Criança. Segundo Zilda Arns, os “alunos aprendem a ler e escrever através das palavras-chave na Pastoral, tais como: soro caseiro, saúde, nutrição, família, comunidade, fraternidade, fé, Deus e outras” (Otto; Rodrigues, 2020, p. 9).

São realizadas diversas oficinas para aperfeiçoamento dos conteúdos trabalhados nas capacitações dos líderes comunitários e o processo de formação das grávidas e dos responsáveis de crianças até seis anos é amplo, procurando envolver as diversas dimensões da vida humana: espiritual, emocional, biológica, cognitiva, sociocultural e política. Zilda Arns destaca “que a própria Organização Mundial de Saúde, baseada em pesquisas, diz que as pessoas que têm fé são mais saudáveis, menos violentas e mais felizes” (Entrevista..., 2003). Assim, na Pastoral não somente pesa-se as crianças, mas procura-se desenvolvê-las em sua totalidade, dentro de um contexto familiar e comunitário.

Nessa perspectiva, a Pastoral da Criança realiza estudos fundamentados na metodologia da Educação Popular e promove ações para decodificar os conhecimentos científicos nas áreas de saúde, nutrição, educação e cidadania, necessários para a educação das gestantes, lactantes e seus filhos. Esses estudos relacionam os conhecimentos científicos decodificados com o conhecimento popular, construindo coletivamente um novo conhecimento, chamado de "científico-popular", que tem significado para as líderes e as famílias acompanhadas. Os estudos contribuem para a transformação da realidade socioeconômica e política por meio do processo de conscientização sobre os direitos sociais básicos.

Dessa forma, foi compreendido que é necessário organizar a comunidade em grupos menores. Os membros são educados para se sentirem responsáveis uns pelos outros e são convidados a compartilhar o que são e têm: seu tempo e sua vida. A explicação de Zilda Arns retrata a educação para a solidariedade, autonomia e conscientização, valores que a Pastoral da Criança busca desenvolver em suas atividades. Com a diretriz de "ver-julgar-agir-avaliar-celebrar"<sup>16</sup>, os membros se engajam em práticas e ações de natureza educativa, de forma simples, mas intencional. O "ver" permite que um coordenador, junto com o grupo, defina o tema gerador a ser analisado. O "julgar" envolve analisar e estudar o tema gerador ou uma história específica para descobrir as causas e soluções provisórias. No "agir", propõe-se a definição de como realizar a prática e as estratégias a serem adotadas. No "avaliar", o grupo tem a oportunidade de buscar melhorar o desempenho e aprimorar sua ação. E, por fim, no "celebrar", são destacadas as conquistas, vitórias, fracassos, alegrias e a esperança de que é possível mudar uma situação inadequada.

Ressalta-se que tendo em vista suas características de inserção na realidade e de análise dos temas geradores, a diretriz possui um alto potencial para a práxis político-educativa na perspectiva da transformação proposta pelo educador Paulo Freire, caracterizando-se como um método da Educação Popular.

A Educação Popular possui uma profunda e coerente relação entre teoria e prática, enfatizando a importância do espírito democrático e revelando a realidade de maneira radical. Isso é evidente na forma como as comunidades populares se organizam para lutarem contra as injustiças sociais. Além disso, a Educação Popular valoriza todos os indivíduos, independentemente de sua posição na comunidade, considerando o conhecimento que cada um carrega internamente.

No processo de formação, a Educação Popular é caracterizada pela sua clareza política, que vai além das diferenças existentes entre os envolvidos. Isso inclui superar a ideia de que somos superiores e salvadores das comunidades pobres, reconhecendo a experiência e o conhecimento das pessoas que nelas vivem. A participação ativa das pessoas em todos os momentos formativos é valorizada, promovendo uma troca de conhecimentos em que ensinamos e aprendemos ao mesmo tempo. A Educação Popular também busca superar

---

<sup>16</sup> Diretriz criada por Joseph Cardjin, padre de origem belga, fundador da Juventude Operária (JOC). No entanto, a trilogia original era composta de três ações, "ver, julgar e agir". No projeto da Pastoral da Criança foram acrescentadas duas ações, o avaliar e o celebrar. Cardjin trabalhou pelo compromisso social da Igreja Católica no início do século XX. Na sua concepção, para o homem fazer uma profunda reforma espiritual, é necessário fazer uma reforma do meio em que vive e trabalha, já que aquele é fruto deste (Brighenti, 2015).

preconceitos de raça, classe e gênero, visando democratizar as relações humanas e despertar a solidariedade entre as pessoas.

A Educação Popular procura, também, promover o diálogo nas comunidades, a fim de que, a partir da análise crítica da realidade vivenciada, as pessoas se conscientizem e superem a tradição autoritária imposta pelas classes opressoras. É importante que sejam sujeitos ativos no processo de transformação, e não apenas expectadores passíveis de manipulação. Dessa forma, sabe reconhecer a participação das classes populares e faz-se necessária para que verdadeiramente as pessoas despertem como agentes de transformação e não como objetos de domesticação. E assim a médica Zilda Arns desenvolveu as concepções e a práxis educativa da Educação Popular na Pastoral da Criança, de forma que o aprendizado alcançasse a todos os envolvidos, transformando-os em protagonistas de suas vidas, independente do grau de escolaridade e conhecimento.

Assim, o propósito da Pastoral da Criança é promover a inclusão social das pessoas que são menos privilegiadas em termos de dignidade humana, saúde e alimentação sobre a égide da Educação Popular como um dinamizador para a autonomia dos acolhidos, permitindo que os objetivos sejam alcançados de forma autossustentável, por meio da formação de líderes comunitários que conscientizavam os responsáveis pelos cuidados com as crianças, a partir da própria realidade em que estavam inseridos, o que gerava, conseqüentemente, a diminuição significativa da mortalidade infantil.

### **Considerações finais**

Zilda Arns teve uma vida de muito trabalho e reconhecimento pela implantação de programas de Saúde Pública celebrados em todo o mundo. Esse trabalho foi realizado com grande dedicação e muitas vezes enfrentou adversidades, como a resistência de políticos, burocratas do sistema de saúde pública, representantes da indústria farmacêutica e até mesmo colegas médicos e a própria Igreja Católica. No entanto, o reconhecimento não veio apenas dos governos, mas também de pessoas anônimas, como um gari que, em um momento de encontro com Zilda Arns antes de sua viagem para o Haiti, pediu para tirar uma foto com "a mulher que cuida das crianças no Brasil". Zilda Arns foi uma intelectual militante, com um capital simbólico importante para a sociedade brasileira, e demonstrava autonomia em relação às demandas políticas.

A práxis da Educação Popular foi fundamental na implementação e desenvolvimento do trabalho da Pastoral da Criança. Contudo, uma característica marcante da fundadora Zilda Arns, que também contribuiu de forma significativa para o progresso do trabalho, foi sua amorosidade. Para ela, "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos significa trabalhar pela inclusão social, fruto da Justiça, significa não ter preconceitos, aplicar nossos melhores talentos em favor da vida plena, prioritariamente daqueles que mais necessitam" (Pastoral da Criança, 2010). Dessa forma, foi instigada por seu irmão Dom Paulo Evaristo Arns e despertou em si mesma, inicialmente, a compreensão da importância de agir para salvar a vida das crianças e, posteriormente, despertou nas pessoas o sonho coletivo de que, ao unir esforços, é possível construir uma sociedade mais justa e solidária. Combater a mortalidade infantil não era apenas uma intenção, mas sim uma missão para ela.

A Pastoral da Criança, com a união de diversos segmentos da sociedade, soma esforços na busca por solucionar os problemas nas comunidades. Com esse estilo de trabalho, cuja mola propulsora é multiplicar o conhecimento e despertar a esperança nas pessoas de que a comunidade unida pode transformar sua realidade, Zilda Arns - intelectual militante, médica dos oprimidos, protetora da criança e fundadora e coordenadora da Pastoral da Criança -, aproximou sua visão de mundo ao pensamento de Paulo Freire, ícone da Educação Popular. Ambos amavam as pessoas e lutavam para que a justiça social se implantasse antes da caridade.

Desde o início, a metodologia da Pastoral da Criança teve como objetivo abordar aspectos de educação, cidadania, saúde, nutrição e espiritualidade ecumênica, por isso, evitou a criação de estruturas complexas, priorizando o empoderamento das pessoas nas comunidades envolvidas. E isso aconteceu com a práxis da Educação Popular estabelecida no desenvolvimento do trabalho que transformava os integrantes da Pastoral em protagonistas de suas histórias, transformadores de suas realidades e multiplicadores de conhecimento, tal qual a proposta de Paulo Freire para a Educação Popular, demonstrando a relação de proximidade ideológica. Enfim, pode-se afirmar que Zilda Arns como mulher cristã, intelectual, soube transitar na esfera da saúde, da educação, da política e da espiritualidade com maestria.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999. (Coleção Tempo de Libertação)
- ARNS, Otília. **Zilda Arns: a trajetória da médica missionária**. Curitiba: Editora e Livraria do Chain, 2010. 208 p.
- BATALHA, Martha Mamede. **Pastoral da Criança: 20 anos de vidas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Ed. Desiderata; São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- BETTO, Frei. Zilda Arns, a mãe do Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2010. Caderno Opinião.
- BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- BOFF, Leonardo. A pedagogia do oprimido e a teologia da libertação. *In*: GADOTTI, Moacir. (org.). **40 olhares sobre os 40 anos da pedagogia do oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire: Educar para transformar**. Almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. 140 p.
- BRIGHENTI, Agenor. Método Ver, Julgar e Agir. *In*: PASSOS, João Décio (org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015.
- DUSSEL, Henrique. **Teologia da Libertação: um panorama de seu desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1999. 120 p.
- ENTREVISTA com Zilda Arns Neumann. Lições da Pastoral da criança. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 63-75, 2003.
- ENTREVISTA com Zilda Arns Neumann, gravada por José Wille em janeiro de 1998. A história de Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança. **Portal Memórias Brasileiras**, [S. l.: s. n.], [21--]. Disponível em: <http://www.jws.com.br/2017/12/memoria-paranaense-a-historia-de-zilda-arns-fundadora-da-pastoral-da-crianca/>. Acesso em: 05 jan. 2023.
- FÁVERO, Osmar. **Uma Pedagogia da Participação Popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Teoria e Prática em Educação Popular**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GERMANO, José Wellington. As quarenta horas de Angicos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 18, ano XVIII, n. 59, p. 389-393, ago. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a08.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Cuaderni del Carcere**. Torino: Ed. Einaudi, 1975.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: Uma experiência pioneira de educação. São Paulo, Cortez, 1996.

NEUMANN, Zilda Arns. **Nós somos a Pastoral da Criança**: nossa história e organização. Brasília: Pastoral da Criança, 1996.

NEUMANN, Zilda Arns. Pastoral da Criança: uma experiência consagrada. **Cadernos Adenauer: Fé, Vida e Participação**, São Paulo, v. 9, s/n, 2000, p. 83-98.

NEUMANN, Zilda Arns. **Depoimento**. Zilda Arns Neumann: ela criou uma rede de solidariedade que salvava centenas de milhares de crianças brasileiras. Belo Horizonte: Ed. Leitura, 2003. 135 p.

NEUMANN, Zilda Arns. **Os voluntários são as pessoas mais importantes do Brasil**. Governo de São Paulo, 2010. Disponível em: [www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/artigo-publicado-por-zilda-arns-na-revista-saude-sao-paulo](http://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/artigo-publicado-por-zilda-arns-na-revista-saude-sao-paulo). Acesso em: 05 jan. 2023.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Mulheres intelectuais: onde elas estão em nossa História? *In*: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri. (org.) **Intelectuais e Educação**: contribuições teóricas à História da Educação. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

OTTO, Claricia. Missionárias brasileiras em Angola: educação popular, memória e experiência. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 294-307, set. 2021. Disponível em: [seer.ufu.br/index.php/reveducpop/issue/view/2191](http://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/issue/view/2191). Acesso em: 10 jan. 2023.

OTTO, Claricia; RODRIGUES, Fabiano Batista. Prática Social Educativa em Zilda Arns: pela memória, contra o esquecimento. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 22, p. 9, 2020.

PARANÁ. Ministério Público. Procuradoria Geral do Estado. **Terceiro Setor**, 2023. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/civel/Pagina/Terceiro-Setor-Perguntas-frequentes>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PASTORAL DA CRIANÇA. Crianças são sementes de paz e esperança, disse Zilda Arns em seu último discurso. 2010. Disponível em: [www.pastoraldacrianca.org.br/videos-sobre-o-falecimento-da-dra-zilda/446-criancas-sao-sementes-de-paz-e-esperanca-disse-zilda-arns-em-seu-ultimo-discurso](http://www.pastoraldacrianca.org.br/videos-sobre-o-falecimento-da-dra-zilda/446-criancas-sao-sementes-de-paz-e-esperanca-disse-zilda-arns-em-seu-ultimo-discurso). Acesso em: 05 jan. 2023.

PREISWERK, Matthias. **Educação popular e teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1997. 416 p.

RODRIGUES, Ernesto. **Zilda Arns: Uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2018.

SAPIRO, Gisèle. Modelos de Intervenção Política dos Intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 9 n. 17, p. 19-50, 2012. Disponível em: [periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/990](http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/990). Acesso em: 05 jan. 2023.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Educar para transformar: educação popular, igreja católica e política no Movimento de Educação de Base**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Nossos agradecimentos especiais ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** A pesquisa / narrativa não apresentou necessidade de parecer de Comitê de Ética.

**Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável

**Contribuições dos autores:** Todos os autores dedicaram-se ao aprofundamento das leituras bibliográficas, apresentando tessituras, intersecções e leituras críticas que deram o aporte necessário ao constructo coletivo da narrativa científica.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

